

**Pedro Afonso: Uma cidade ribeirinha
entre o Sono e o Tocantins**

MARIA DE FÁTIMA OLIVEIRA

A cidade reúne detalhes preciosos sobre o real.

*Ela é um fato cultural, um caldeirão de impressões,
sentimentos, desejos e frustrações (Simmel)*

Introdução

Esta comunicação é parte integrante da pesquisa que desenvolvo no doutorado com o título de *Cidades Ribeirinhas do rio Tocantins: identidades e fronteiras*. Pedro Afonso é, então, uma das cidades escolhidas para este estudo no qual analiso o contexto de seu surgimento, os momentos de ruptura em sua história para depois estabelecer uma relação entre as cidades ribeirinhas, detectando suas semelhanças e diferenças. Procuo ainda mostrar porque estas cidades ficaram, mesmo que indiretamente, excluídas dos projetos de desenvolvimento nacional. Pois, à primeira vista, parece que nada aconteceu digno de atenção nessa região tocantinense durante todo o século XIX até meados do XX. Mas, como Guimarães Rosa, acredito que, quando aparentemente nada esteja acontecendo, pode estar ocorrendo um milagre. ¹

Para essa abordagem da comunidade de Pedro Afonso serviram-me de inspiração os chamados “Estudos de Comunidades” realizados na década de 1950, pelos antropólogos Charles Wagley – *Uma comunidade amazônica* – e Marvin Harris – *Town and Country in Brazil*, nos quais os autores estudam pequenas cidades respectivamente na Amazônia e na Bahia. Embora a cidade de Itá (nome fictício da cidade estudada por Wagley) quase não tenha tido relevância econômica, “sua história não deixa de ser significativa, pois reflete praticamente as principais tendências da história do vale Amazônico”. Wagley reforça ainda

¹ ROSA, Guimarães. *A Terceira Margem do Rio - Primeiras Estórias*. 8 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975. p. xxxiii

que, “Todas as comunidades de uma área compartilham a herança cultural da região e cada uma delas é uma manifestação local das possíveis interpretações de padrões e instituições regionais”². Acredito que em outro contexto e região, Pedro Afonso – cidade situada no atual Estado do Tocantins na confluência dos rios Sono e Tocantins - também reflete muitas tendências da história das cidades ribeirinhas e da região.

Nos últimos anos, a temática “cidades” tem merecido muitas e variadas reflexões. A cidade é um espaço privilegiado da formação de novas identidades e é no convívio cotidiano, através das relações sociais, dos sentimentos e das posturas que emergem códigos implícitos e explícitos que vão moldando uma nova identidade.

Este estudo destaca alguns momentos importantes da história de Pedro Afonso: sua origem como aldeamento, as transformações ocorridas com a chegada de imigrantes e a transferência dos índios para outro lugar; as revoltas nas primeiras décadas do século XX; a chegada dos aviões do CAN (Correio Aéreo Nacional) na década de 1930 - antes mesmo do automóvel; e na década de 1960, a abertura da rodovia Belém-Brasília na região e a “libertação dos jegues” - a cidade passa a ser servida por água encanada.

De Travessa dos Gentios à Pedro Afonso

Estudando o mapa do nascimento das cidades do antigo Estado de Goiás, pode-se constatar que vários foram os grandes fatores determinantes do surgimento dos núcleos urbanos: ouro, agropecuária, presídios, registros, pouso de tropeiros, extrativismo, ferrovias e rodovias. No século XVIII predominou o fator mineração, no XIX, a agropecuária, e no XX as cidades surgiram principalmente influenciadas pelas ferrovias e rodovias. Já o nascimento das cidades ribeirinhas do rio Tocantins (principalmente no XIX), está ligado à

² WAGLEY, Charles. Uma Comunidade Amazônica – Estudo do homem nos trópicos. Tradução de Clotilde da Silva Costa. São Paulo: Ed. Nacional, 1957. Coleção Brasileira, Vol.290.p.72.

fundação de aldeamentos indígenas, presídios militares ou a pontos estratégicos para o comércio com o norte do país.

Ana M. Borges e Luis Palacin observam que, “...na segunda metade do século XIX, se estabelece uma linha contínua de vilas, que marcam o pulsar do trânsito comercial pelo grande rio: Peixe, Porto Imperial, Piabanha (Tocantínia), Pedro Afonso, Carolina, Boa Vista (Tocantinópolis)”³. Essa observação vem confirmar a importância das cidades ribeirinhas tocantinenses.

A origem de Pedro Afonso está ligada à fundação de um aldeamento indígena sob a direção do missionário italiano Frei Rafael de Taggia em 1847. A primeira denominação do aldeamento era *Travessa dos Gentios*, “em virtude das correrias que aqui se faziam, e era habitado por silvícolas...”⁴

De acordo com o padre dominicano José Maria Audrin, um estudioso da história regional do Tocantins que lá viveu por longo tempo, “Pedro Afonso, antigo Rio do Sono, é uma povoação goiana, fundada outrora junto à confluência dos rios Sono e Tocantins, pelos missionários capuchinhos, para ser o centro da Catequese dos Índios Cherentes e Caraós... em poucos anos transformou-se em empório comercial de primeira ordem. Esta prosperidade material foi causa da sua terrível desgraça.”⁵

Também em seu livro, *O Estado e os Índios*, Leandro M. Rocha informa que o aldeamento de Pedro Afonso foi criado em 1849, à margem direita do Tocantins, estando sob a direção do frei Rafael de Taggia e abrigava principalmente o grupo tribal Krahó.⁶

Em 1858 houve a remoção dos Krahó para outra aldeia às margens do Rio Sono. O missionário fundador da aldeia explica que tal mudança deveu-se à afluência de novos moradores não-índios para a antiga aldeia. Encontra-se no Arquivo Estadual de Goiás uma carta de Frei Rafael, na qual demonstra sua insatisfação: “O missionário por si só não pode efetuar o vosso desejo, convidar a instrução religiosa e civil gente nua, gente que vive só de

³ BORGES, Ana Maria & PALACIN, Luis. Patrimônio Histórico de Goiás. Goiânia: J. Câmara, s/d, s/p.

⁴ IBGE - Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, V. XXXVI, P. 331.

⁵ AUDRIN, J. M. Entre Sertanejos e Índios do Norte. Rio de Janeiro: José Olympio, 1946, p. 240/241.

⁶ ROCHA, Leandro. O Estado e os Índios: Goiás 1850-1889. Goiânia: UFG, 1998. P. 101

caçadas, sem ter meios de socorrê-los. Motivos são estes, que me desanimam...”.⁷ O missionário descreve também os problemas enfrentados na catequese (dentre eles: a questão da língua, da estupidez e preguiça dos índios bem como, o desprezo dos governos) e pede que lhe seja atribuída uma outra função.

Com a chegada de imigrantes principalmente do Maranhão e conseqüente crescimento do povoado, em 1858 Pedro Afonso é elevada à Freguesia, em 1861 à categoria de Vila, e no ano de 1880, segundo informação do Juiz de Direito de Porto Imperial, Pedro Afonso contava com vinte casas, das quais 17 eram de telhas, e uma igreja arruinada.

Transformações e desordens no início do Século XX

No início do século XX, a cidade de Pedro Afonso foi influenciada pela expansão da exploração da borracha. Tornou-se um ponto importante de ligação entre o nordeste e o norte, e um local onde as mercadorias eram acumuladas para o transporte pelo rio Tocantins até Belém. Ao mesmo tempo em que a “corrida” da borracha provocou aumento da população e intensificou o comércio, vieram os problemas – a chegada de forasteiros gananciosos aumentou a violência na cidade.

A bibliografia e fontes catalogadas até o momento, apontam para um período em que a cidade teria sido arrasada e a maioria da população se mudado com medo dos constantes conflitos. Estes acontecimentos de Pedro Afonso são narrados no romance *Uma sombra no fundo do Rio*, pelo escritor goiano Eli Brasiense, que é natural da região e lá viveu por longo tempo. Embora não tendo compromisso com a verdade, pois é um livro de ficção, Brasiense descreve com riqueza de detalhes as conturbadas primeiras décadas do século XX na cidade. O autor inicia o romance mostrando as desordens causadas pelos jagunços: “Quem teria tirado a cidade do lugar e plantado uma tapera?” A resposta: “foi são Caetano” (vegetação que invade as tapers). “Apoderara-se rapidamente da maior parte de uma

⁷ Carta de Fr. Rafael Taggia de 1858, Arquivo Estadual de Goiás, caixa n.1

cidade destruída, onde os riachos de sangue correram pegajosos no rumo do Tocantins e do rio do Sono. O povo que sobrara da tragédia estava doente e triste. Gente bagunçada da cabeça e problemática da idéia”. 8

Em conversa com os moradores foi possível perceber que estes episódios relatados na obra de Brasiliense ainda permanecem na memória dos mesmos. Também Ana Britto Miranda⁹ – antiga moradora do lugar - descreve com detalhes, em seu livro de memórias *História de Pedro Afonso*, os tumultos ocorridos neste mesmo período.

Anos 30 – O Correio Aéreo Nacional (do cavalo ao avião)

Região periférica do Estado de Goiás, o antigo norte conheceu primeiro o transporte aéreo para só depois conhecer o rodoviário. O transporte das mercadorias era feito principalmente através do rio Tocantins para o Pará ou por tropas em direção ao nordeste. Nessa conjuntura, pode ser avaliada a importância que adquiriu a abertura de campos de aviação nas cidades do antigo norte de Goiás para o pouso dos aviões do CAN - Correio Aéreo Nacional. Essa façanha é bem documentada em dois livros escritos pelo brigadeiro Lysias Rodrigues¹⁰, encarregado da viagem de exploração e abertura das pistas de pouso num projeto de linha de aviação que ligaria Buenos Aires a Belém, entre os anos de 1931 a 1935. Pedro Afonso foi uma das cidades beneficiadas por esse projeto, recebendo um campo de pouso.

Vale lembrar a recente publicação (2002) de uma obra comemorativa desta façanha - *Nas Asas do Correio Aéreo* – livro rico em documentação iconográfica resultante do trabalho organizado por Isio Bacaleinick, que com sua equipe refez toda a rota, registrando as transformações ocorridas desde a passagem de Lysias Rodrigues na década de 1930.¹¹

⁸ BRASILIENSE, Eli. Uma sombra no Fundo do Rio. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977, p. 13.

⁹ MIRANDA, Ana Britto. História de Pedro Afonso. Goiânia: Oriente, 1973.

¹⁰ As duas obras do brigadeiro Lysias Rodrigues são: Roteiro do Tocantins e O Rio dos Tocantins, ambas publicadas em Goiânia no ano de 1978.

¹¹ BACALEINICK, Isio.(Org.)Nas Asas do Correio Aéreo: a rota do Tocantins. São Paulo: Metalivros, 2002.

A Década de 1960: a Belém-Brasília e a “libertação dos jegues”

Para os historiadores Luis Palacin e Ana M. Borges, “A abertura (...) da Belém-Brasília significou para Pedro Afonso uma nova decadência. Como todas as cidades da margem direita do Tocantins, ficava outra vez à margem do progresso”.¹²

A construção da Belém-Brasília não trouxe benefícios diretos para as cidades ribeirinhas do Tocantins. Os novos povoados que surgiram ao longo da rodovia Belém-Brasília passaram a competir com as cidades já existentes que ficaram fora do traçado da mesma, mudando assim o eixo de importância econômica das antigas cidades ribeirinhas para as novas cidades da beira da estrada.

Outro fato, especialmente importante para a cidade de Pedro Afonso na década de 1960, foi a “libertação dos jegues”. O que vem a ser isto? O acontecimento que facilitou a vida do pedro-afonsino e de certa forma afastou-o da convivência cotidiana com o rio, isto é, o abastecimento das casas com água encanada que libertou os jegues do trabalho de transporte de água do rio para a cidade.

A década de 1960 é então um marco duplo para a cidade: por um lado, a abertura da rodovia Belém-Brasília incentivou o transporte terrestre em detrimento do difícil transporte fluvial - a ligação da cidade com a estrada era feita por meio de uma balsa. Por outro lado, a “libertação dos jegues” alterou o cotidiano do pedro-afonsino, não sendo mais necessária sua ida e vinda constantes ao rio.

Considerações Finais: Pedro Afonso hoje (do antigo e do novo)

É possível constatar uma grande diferença no cotidiano dos moradores nos últimos anos. O rio era o centro da vida da cidade – utilizavam-no para o transporte, ia-se a todo o

¹² BORGES, Ana Maria & PALACIN, Luis. Patrimônio Histórico de Goiás. Goiânia: J. Câmara, s/d, s/p.

momento buscar água, lavar roupas; tomava-se o banho diário – o rio era uma dádiva, a solução, o caminho. Atualmente, o contato do pedro-afonso com o rio é bem mais limitado: o transporte é feito por caminhões e automóveis que atravessam o rio por meio de uma balsa – desse modo, em vez de ser o caminho, pose-se dizer que o rio tornou-se um empecilho - os banhos nos rios são freqüentes apenas no verão como programa recreativo, a água chega de forma indireta até as casas, sem necessidade de descer o barranco...

Na chegada à Pedro Afonso é visível o contraste entre o arcaico e o moderno: ainda hoje para se chegar à cidade é preciso atravessar o rio Tocantins numa balsa. A cidade é pequena, mas assim que acabam as casas, começam os imensos campos de plantio da soja. Para assistir todo esse desenvolvimento, há boa infra-estrutura: uma cooperativa agrícola – a COAPA – e um projeto de incentivo ao plantio da soja – o PRODECER, e também imensos armazéns e secadores para os grãos.

Alguns prédios e locais antigos só existem hoje nas fotografias e na memória dos antigos habitantes. O desinteresse pela preservação do patrimônio pode ser observado, por exemplo, no antigo mercado municipal que foi demolido e na famosa Lagoa da Cruz (lagoa essa, que até lenda possui), abandonada ao mato e ao lixo.

Por outro lado, encontramos moradores tradicionais de Pedro Afonso desejosos de contar e preservar o seu passado. Um dos poucos sinais da antiga *Travessa dos Gentios* é uma lápide com os restos mortais do fundador da aldeia, na Igreja de São Pedro, com os seguintes dizeres: *Aqui jazem os restos mortais do Pe. Frei Rafael, missionário [capuchinho]. Nasceu aos 23-02-1812 em Taggia, Itália. Desembarcou no Rio de Janeiro em 1846. Chegou ao atual Pedro Afonso em 29 – 06 – 1847 e morreu em 29/10/1892. Pedro Afonso 29 – 06 – 1981.*

Finalmente, a pesquisa se pauta em variada documentação, na sua mais ampla concepção: documentos esparsos nos arquivos, relatos de viajantes e moradores da região, na literatura, na “leitura” das ruas e prédios da cidade e na memória das pessoas que presenciaram os fatos históricos ou que os ouviram de seus antepassados. Dessa forma, a cidade torna-se lugar de cultura, memória e identidades numa complexidade de sentidos e

significados vividos e representados, pois, segundo Ulpiano Menezes, “a cidade é artefato, campo de forças e imagem.”¹³

¹³ MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. Morfologia das Cidades Brasileiras. Introdução ao estudo histórico da iconografia urbana. In: Revista USP, São Paulo, junho/agosto 1996, p. 149.